

A reinvenção do tempo

**Aionara Preis**

aiopreis@gmail.com

Professora-artista-etc... Doutoranda na linha de ensino das Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC), mestre em Artes Visuais/UDESC, bacharel em Artes Visuais/UDESC com curso Técnico de Cerâmica Artística Artesanal/SATC. Trabalha com os seguintes temas: restauração de bens históricos, produção de peças em cerâmica, ensino da cerâmica, audiovisual, fotografia, cultura visual.

A reinvenção do tempo



*Os dias talvez sejam iguais para um relógio,
mas não para um homem.*

Marcel Proust

Em nossas vidas, o tempo é uma variável constante que opera e orienta a realidade do dia a dia. Já a temporalidade é a percepção de como se dá a passagem do tempo, conferindo outras dimensões que reconfiguram os fatos. Diante das questões que envolvem a percepção da passagem do tempo, trago a publicação *Agenda para Tempos Pandêmicos – Proposições para escapar da realidade, para problematizar a criação desta caderneta destinada a organização do dia a dia produtivo - que baliza os desejos e limita as experiências – com algumas noções conceituais que compõe a cartografia enquanto método de pesquisa.*



Figura 1. Colagem anexa na Agenda para tempos pandêmicos, 2020. 15 x 21 cm. Foto: Aionara Preis.

A experiência que norteia a escrita deste texto parte da produção de uma publicação de artista, cujo título é: Agenda para tempos pandêmicos – Proposições para escapar da realidade, realizada em 2020 quando ainda procurava assimilar as temporalidades ocasionadas pela pandemia da Covid-19. O que está em questão em uma agenda convencional é a distribuição do tempo em meses, dias e horas, bem como o seu preenchimento com os objetivos a serem cumpridos no decorrer do ano. A forma como dimensionamos este tempo é também

a forma como nos relacionamos com as coisas que nos circundam, com os deveres, os desejos e com tudo o que as anotações privam ou deixam escapar. Com o advento da pandemia, esta noção de tempo precisou ser revisitada, pois devido ao cancelamento de muitas atividades, os dias passaram de exaustivos à enfadonhos, a hora perdeu sua urgência, assim como as logísticas que fundamentam a rotina moderna entrou em conflito. Como forma de constituir este objeto como um lugar de reflexão, deslocando seu sentido *a priori*, despontou-se algumas considerações sobre seu uso.

As questões que permeiam o espaço e a passagem do tempo, ocupam lugar de destaque nas teorias filosóficas, moderna e contemporânea, pertencente ao ramo da filosofia analítica. O princípio destes questionamentos, que pretendia compreender e definir o tempo, surgiu na idade média (sec. V a XV) com a intensão de entender o movimento das coisas para mensurar este tempo. Ainda que seja necessário mapear toda teoria filosófica ontológica e epistemológica sobre os mistérios do tempo, apontarei algumas questões que implicam a organização do tempo pelo uso da agenda enquanto objeto programador do tempo e como ela impede o surgimento das linhas de fuga de uma cartografia.

A cartografia escrita por Deleuze e Guattari, é um dos princípios que compõe o conceito de Rizoma.

Este termo emprestado da botânica, é uma subversão ao entendimento que a filosofia e a construção do conhecimento são organizadas e separadas por raiz, caule, copa e frutos. Para os autores, “o pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.34). O rizoma então é entendido por não ter começo nem fim, se dá pelo meio, onde as coisas adquirem velocidade. Suas linhas se conectam em vários pontos e devido sua estrutura horizontal, não possui hierarquias. A cartografia aparece em contraponto ao exercício de decalque, como uma prática processual de investigação, sem predefinições ou objetivos fixos, que cria inflexões e se abre para as multiplicidades. Cabe ao cartógrafo mapear o terreno em busca de pistas que trarão sentido à sua caminhada.

Mas como transferir este sentido para uma agenda? Uma vez que nela contém a contagem convencional do tempo e que não possibilita estas brechas para outras realidades?

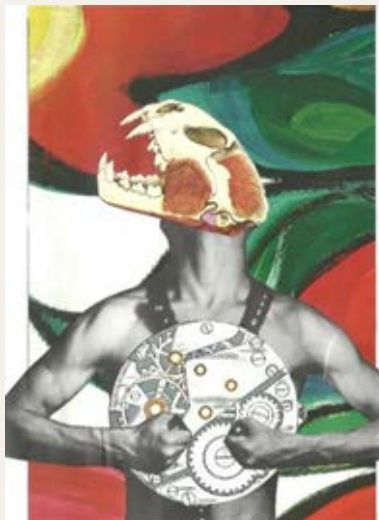


Figura 2. Colagem anexa na Agenda para tempos pandêmicos, 2020. 15 x 21 cm. Foto: Aionara Preis.

Tradicionalmente, a agenda é adquirida entre o fim e o início do ano vigente como forma de planejar e organizar as atividades que sucederão ao longo do ano. Por muitas vezes comprei ou ganhei agendas e colocavas em uso somente nos primeiros meses do ano. Após certo período, percebia que as coisas iam tomando outras direções e que uma caderneta sem data e sem pauta, tinha mais utilidade para meus hábitos. Nela tinha liberdade para embaralhar os compromissos, com desenhos, algumas colagens, receitas de comida, e o que mais achasse importante e pertinente para anotar. Este embaralhamento costuma ser associado com desordem e despropósitos pessoais, ainda que seja um hábito usual

para várias pessoas. No ano de 2020, na tentativa de dar uma chance para a tradicional agenda, em meados de março, fomos surpreendidos com a paralização repentina das atividades devido à alta contaminação do Covid-19. E por mais uma vez a agenda ficou de lado enquanto a vida borbulhava em acontecimentos! A pandemia desconfigurou nosso GPS, alterando rotas, atividades e metas. Foram algumas semanas esperando pelo que iria acontecer enquanto cuidávamos exclusivamente da saúde.

Considerando a cartografia como o percurso de uma investigação, interessando apenas a forma e a intensidade que acontece o envolvimento do cartógrafo, uma agenda formal pondera esta aproximação e impossibilita rasuras, dobras ou rasgos em suas páginas. Esta mesma agenda, preenchida previamente com datas, compromissos e lembretes, onde o pragmatismo prevalece sobre qualquer possibilidade de pensamento, ela se aproxima da figura árvore. Aqui o desejo se desfalece pela sensação de perda de tempo, de insuficiência, de improdutividade provocada pela cobrança exacerbada e mecanizada. No conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, os acontecimentos se dão pelo meio e por isto se torna tão difícil fragmentar o tempo.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. [...] Para onde vai você? Dê onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. [...] É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidades. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 49).

Trata-se de uma questão perceptiva, de dissolver o início com o fim e abrir linhas de fuga para o que não foi anotado na agenda. A criação de uma outra agenda é sobretudo esta possibilidade de fuga; uma produção paralela para uma realidade que tende ao controle do tempo. Na busca de estabelecer novos deslocamentos, a Agenda para Tempos Pandêmicos – Proposições para escapar da realidade, foi fundamentada pelas antigas publicações de almanaques. Neles, era possível encontrar além do calendário datado, acontecimentos astronômicos como solstícios e fases lunares, dicas de plantio, receitas, poesias e curiosidades, tudo reunido em uma só publicação.

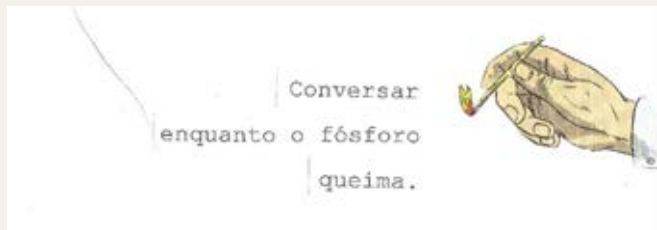


Figura 3. Colagem anexa na Agenda para tempos pandêmicos, 2020. 15 x 21 cm. Foto: Aionara Preis.

Com a automatização das atividades, perdeu-se a temporalidade dos astros, da terra, do deleite poético de uma poesia. Na tentativa de reavivar estas temporalidades, a agenda foi composta em quatro partes: 1. Planejamento anual – Mal-estar de uma existência programada, com referência a origem do nome dos meses; 2. Planejamento Semanal – Práticas reorganizadas, com a interpretação mística da influência de cada planeta que faz referência aos dias da semana; 3. Calendário agrícola - para plantar, cultivar e colher ocupações, interesses, pensamentos, ...; 4. Dispositivos para consumir o tempo – proposições para novas práticas e outros sentidos.

Um dos pressupostos que aproxima a programação do cotidiano contida na agenda convencional com a criação de espaços para a realização de atividades de outra ordem, é uma forma de abordar as subjetivações presentes no cotidiano e assim produzir novas realidades. Assim como o rizoma que “opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas” (DELEIZE; GUATTARI, 2011, p. 32), a criação de uma outra agenda, sobretudo, inverter as operações de um tempo comum. Poderia mencionar que estas brechas no tempo, daria espaço para possibilitar o que Deleuze chama de acontecimento. Este conceito, dentre seus vários princípios, traz a relação da leitura do tempo entre *Chrónos* e *Aión*, sendo que o tempo do acontecimento é o *Aión*. O antes e o depois,

ou o ontem e o amanhã, não são superposições que se sucedem, mas são tempos estratigráficos que distribuem suas singularidades.

Em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou; e o futuro e o passado do acontecimento não se julgam senão em função deste presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. (DELEUZE, 1974, p.154).

Neste problema sobre a temporalidade, pode-se dizer que o acontecimento se dá no instante em que ele acontece. Não se trata de programar na agenda um acontecimento, mas sim de perceber os indícios que nos trazem para o presente em proveito do passado e do futuro. O tempo é uma questão de como percebemos as coisas, e não unicamente a execução de um relógio ou de um bloco de papel.

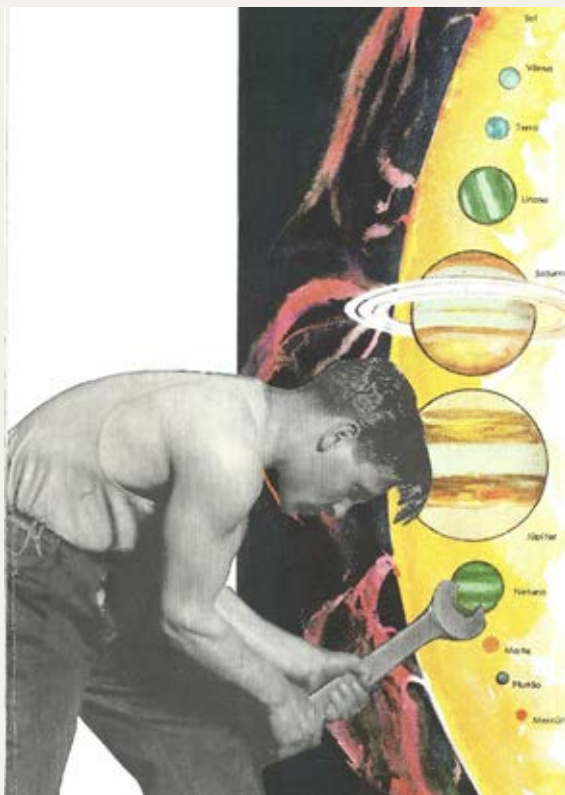


Figura 4. Colagem anexa na Agenda para tempos pandêmicos, 2020. 15 x 21 cm. Foto: Aionara Preis.

Para compreender minimamente os impactos que os conceitos de rizoma, acontecimento e da cartografia enquanto processo de Deleuze e Guattari neste ensaio, pressupõe-se que são determinações sempre inacabadas no modo de fazer. Caberia aqui, afirmar que, ao utilizarmos uma agenda no modo proposto pelos filósofos, estaríamos inventando um outro tempo e criando novas formas de se relacionar com este tempo aberto, sem início e fim. Neste tempo amplo, sem medidas, findo com a pergunta:

Quais as formas com que nos relacionamos com o tempo e quão intenso são os acontecimentos?



Figura 5. Colagem anexa na Agenda para tempos pandêmicos, 2020. 15 x 21 cm. Foto: Aionara Preis.

Referências:

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad: André Telles, 2004. Disponível em: <<https://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili.pdf>>. Acesso em: 26 jan 2021.